

JORNAL DOS CEGOS

Revista de educação e ensino intellectual e profissional dos cegos

Premiada com a medalha de prata na Exposição Industrial do Porto em 1897 e com o Grande Diploma de Honra, na Exposição da Imprensa, Lisboa 1898

IMPRESSA Á CUSTA DO ESTADO

A importancia total da venda d'esta publicação reverte a favor das «Offeinas Branco Rodrigues» instituidas no Asylo dos Cegos de Castello de Vide

REDACÇÃO
Livraria Catholica
Rocio—Lisboa

REDACTOR
BRANCO RODRIGUES

PREÇO DO VOLUME
Por anno—12 numeros
500 réis



PASSAGEM DO CORTEJO—FANFARRA DOS CEGOS,
gravura extrahida do «Grande Album Commemorativo do Centenario da India», publicado pela empreza do «Pimpão» e que brevemente apparecerá á venda

OFFICINAS BRANCO RODRIGUES

De um artigo intitulado *Um passeio a Castello de Vide*, devido á penna do illustre director do *Occidente*, o sr. Caetano Alberto, e publicado n'aquella revista litteraria, extractámos os seguintes periodos referentes a esta instituição.

Tem sido sob a actual direcção que o Asylo dos Cegos, fundado em 1863 pelo benemerito dr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro, attingiu maior desenvolvimento entrando em uma nova phase, que, por assim dizer, o transformou n'um asylo-escola, onde os rapazes cegos recebem não só educação litteraria, como aprendem musica e por ultimo a fazerem canastras.

Vamos ter occasião de apreciar os trabalhos dos ceguinhos, e como de uns infelizes, a quem o destino parecia condemnar á triste eterna mercê da caridade, se podem fazer homens prestantes, que vivam pelo seu trabalho, sem pesar no proximo.

A escola e a officina, os dois grandes laboratorios da riqueza social, lá estão estabelecidos no velho convento franciscano, onde hoje se albergam os pobres cegos.

Quando ali entrei acompanhado pelos illustres membros da direcção, foi-me apresentado o rev. padre Severino Diniz Porto, regente e professor do asylo, um benemerito protector dos pobres ceguinhos a quem elle dedica affectos paternaes.

Que bella comprehensão do sacerdocio, no altar e na escola, e como á sua dedicação e desvelos se deve o adiantamento dos asylados, conseguindo no curto espaço de dois annos levar a exame, ao lyceu de Portalegre, cinco ou seis rapazes de entre uns vinte asylados que frequentam a aula.

O ensino é pelo systema *Braille*, como nos melhores institutos de Paris e Londres, e para a communicacão entre cegos e os que vêem adoptou-se o systema *Braille-Ballu*. E os cegos lêem e escrevem com extrema facilidade, como facilmente gravaram o meu nome em um papel, a pontinhos, por meio da regua quadriculada de *Braille*. A arithmetica é-lhes ensinada com o auxilio do *cubarithmo*, inventado pelo professor Martin, do Instituto Nacional de Cegos de Paris.

Mas, por muito que nos admirasse ver os cegos escreverem e lerem com tanta facilidade, não nos surpreendeu pouco o ouvir-os tocar na sua fanfarra, um variado repertorio de peças de musica, na maioria, grandes trechos de operas, com afinação inexcidível, tirando dos instrumentos todo o valor sonoro que teem, de modo que uns dez ou doze musicos produziam o effeito de uma banda numerosa.

Este bello resultado deve-se, sem duvida, ao excellente methodo de ensino empregado por D. Vicente, um hespanhol, professor de musica, que vive ha muitos annos em Castello de Vide, e que muito desinteressadamente tomou a seu cargo ensinar os cegos.

De desinteresses e dedicações se tem formado aquella util instituição, que assim tem progredido, mau grado, talvez, de alguns praguentos, que, pelo que me constou, tambem ali não faltam, como em toda a parte abundam.

O resultado d'essas dedicações era ainda a festa a que todos iamós assistir, a inauguração das *Officinas Branco Rodrigues*.

Ao velho convento foi annexada uma nova construcção, ligeira, simples, para officina de canastras feitas pelos cegos. Essa construcção é a que se vê á esquerda da gravura que representa a vista exterior do asylo.

Era esta officina que a direcção do asylo inaugurava n'aquelle dia e para o que fez varios convites, de que eu fui um dos contemplados.

Cerimonia mais tocante do que apparatusa, como é proprio de um asylo de caridade, em que seria condemnavel desperdicio gastar dinheiro em decorações espalhafatosas ou estrepitosos foguetes. A fanfarra dos cegos bastava para alegrar a festa, quando não fosse a satisfação de ver realizado um melhoramento tão importante n'aquella casa de asylados.

Depois, que simplicidade. Descobrir apenas uma lapide, por cima da porta da officina, onde se lia: *Officinas Branco Rodrigues*, nome que a direcção do asylo entendeu, e muito bem, dar áquella casa, cuja idéa tivera o professor Branco Rodrigues, e para a realisação da qual concorrêra com quinhentos mil réis, producto de assignaturas do *Jornal dos Cegos*, impresso por conta do estado, mas de que elle é o director.

Assim o disse o sr. dr. Aniceto de Oliveira Xavier, no discurso que proferiu ao descobrir a lapide, fazendo a historia no novo estabelecimento que ali se inaugurava, e para o qual tambem concorrêra largamente com a sua bolsa e o seu trabalho o vogal da direcção, sr. Antonio José Repe-

nicado, um coração de oiro, que se compraz em fazer bem, como a maior satisfação da sua alma boa e generosa.

Branco Rodrigues historiou as instituições de asylos para cegos desde a primeira, fundada em França por Luiz XIII, ou S. Luiz, até á actualidade, em que centenaes de institutos d'esta ordem, mais ou menos desenvolvidos, se encontram por todo o mundo civilisado, minorando a triste sorte dos infelizes cegos.

O sr. Assumpção Mimoso, um entusiasta tambem pelos progressos d'aquelle instituição de caridade de que é o thesoureiro, teve palavras de louvor para os que mais se tinham empenhado na realisação d'aquelle melhoramento, o sr. dr. Aniceto e o sr. Repenicado, o qual as agradeceu muito commovido.

Era occasião de entrar na officina onde os operarios cegos iam trabalhar em presença do publico que enchia a casa. Antes, porém, de principiarem o seu labor, o regente do asylo, rev. Severino Diniz Porto, fallou larga e eloquentemente da vida do asylo e da importancia das officinas que se inauguravam, não esquecendo as difficuldades que foi mister vencer para chegar á sua realisação. Teve phrases de enthusiasmo, que emocionaram o auditorio e me enthusiasmaram de modo que não pude ficar silencioso.

Fallei tambem.

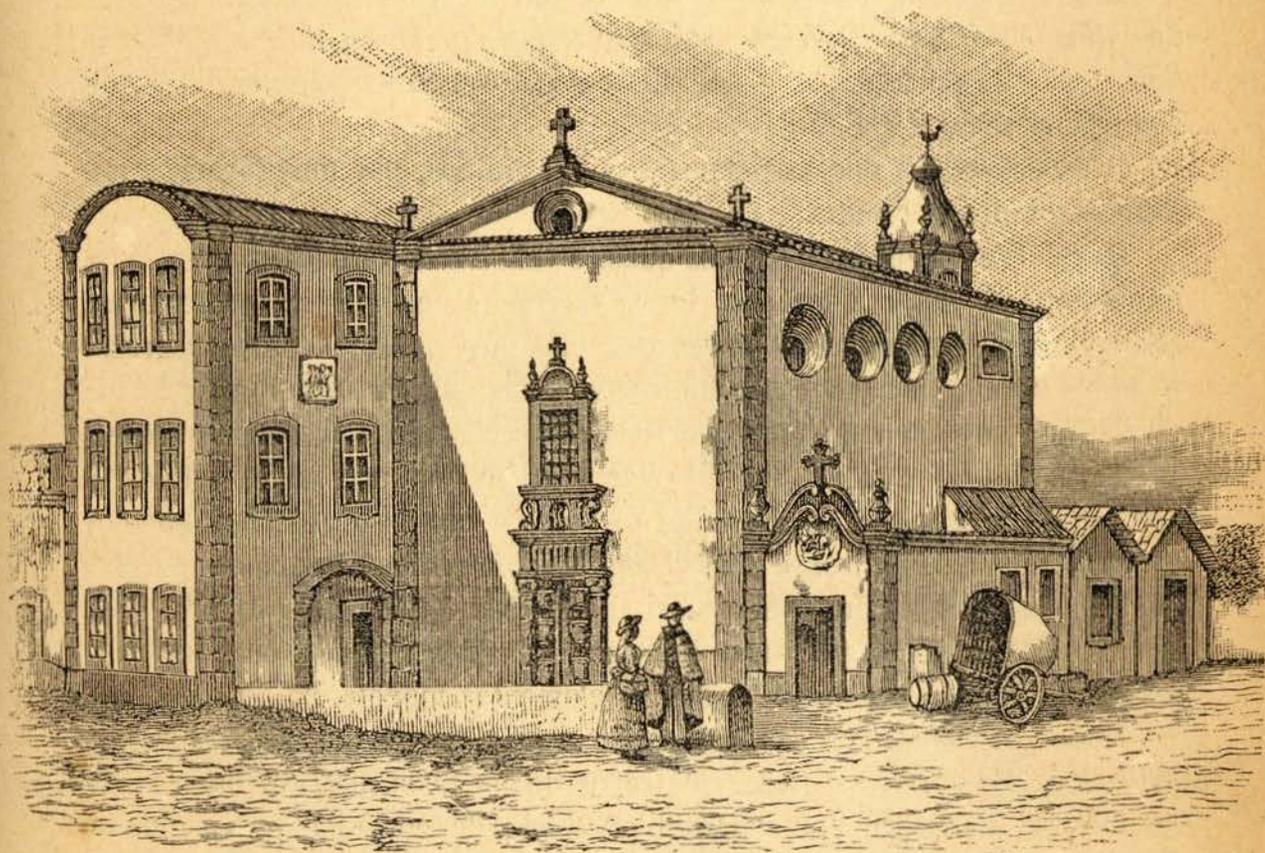
A festa não podia ser mais sympathica. Celebrava um grande passo dado para a regeneração dos cegos em Portugal, e esse passo quem primeiro o dava era uma terra de provincia, a mais encantadora villa do Alemtejo, Castello de Vide. Podia orgulhar-se de possuir o que não tinha Lisboa, a capital do reino, onde não existia um instituto para cegos tão completo como aquelle ficava com o estabelecimento das *Officinas Branco Rodrigues*, em que os cegos, pelo seu trabalho podiam conquistar fóros de cidadãos prestantes, uteis á sociedade. Era uma maravilha, pela qual me corria o dever de felicitar a illustrada e benemerita direcção d'aquelle asylo, e a villa de Castello de Vide por abrigar dentro das suas gloriosas muralhas um instituto tão moderno, tão civilisador, como as primeiras capitaes do mundo.

E terminei as minhas mal alinhavadas phrases, inspiradas no momento, para não demorar o ver trabalhar os cegos, que me despertavam o maior interesse.

De facto surprehendeu-me o seu labor. A perfeição com que preparavam as fasquias de castanho, desengrossando-as e galgando-as a ficarem

todas iguaes, e isto pelo tacto, como muitos com vista o não fariam, a presteza com que armavam as canastras e cestinhos de mão, bem acabados, tudo constituiu para mim uma surpresa agradável e penso que a todos que pela primeira vez assistiam áquelle trabalho.

A aptidão que os cegos mostravam era susceptível de se applicar a outras industrias; ali, porém, tinha mais razão de ser esta, pela circumstancia da materia prima —a madeira de castanho— abundar n'aquelles



ASYLO DOS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE—Desenho e gravura de Caetano Alberto

sítios, e as canastras terem immediato consumo na terra para a exportação de carnes ensacadas, alem das encomendas de Lisboa já importantes.

O producto do trabalho dos cegos é para elles, o que constitue um peculio, com que mais tarde poderão sair do asylo e exercer a sua industria, onde quizerem.

OS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE NAS FESTAS DO CENTENARIO

OS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE

Apresentaram-se hontem á imprensa da capital, que se achava largamente representada em sessão especial que lhe era offerecida, os cegos das *Officinas Branco Rodrigues*, na explanada do jardim da Casa de Bragança, da rua do Alecrim, e que ali vem dar varias sessões, publicas, do seu ensinamento e aptidões.

O espectáculo a que assistimos sensibilisou-nos, por uma fôrma, e entusiasmou-nos por outra.

Os infelizes ceguinhos, para os quaes a vida é uma verdadeira escuridão, que chegaram ali trazidos pelo braço dos seus benemeritos protectores, são sete rapazes ainda bastante novos, mas que, apesar da sua desgraça, lêem, escrevem, trabalham em differentes misteres e constituem uma banda de musica, que executa com a possivel correcção varios trechos musicaes.

Temo-nos referido já, por diversas vezes e em successivos artigos, á sympathica instituição de Castello de Vide, e por isso abster-nos-hemos agora de alongar-nos sobre esse assumpto; entretanto, podemos affirmar que se essa instituição é benemerita, não menos o é sem duvida a da criação das «Officinas Branco Rodrigues», officinas onde os ceguinhos podem obter pelo seu trabalho alguns elementos monetarios futuros.

Vimos os cegos escrever, ler, contar, etc., com uma rapidez realmente notavel, e todos os assistentes, entre os quaes se encontrava um grande numero de senhoras, apreciaram o methodo de ensino e os resultados obtidos.

Abençoados os que n'um santo principio de caridade podem reunir toda a sua vontade e bons esforços, para ministrar aos cegos a luz do espirito, que lhes falta pela luz dos olhos.

Os illustres professores sr. Severino Diniz Porto, o iniciador do ensino intellectual dos cegos, e o sr. Vicente Marçal, o maestro que lhes tem ministrado o ensino musical, acompanharam-os na sua visita a Lisboa, bem como o presidente da direcção do asylo. O nosso amigo e activissimo propagandista d'aquella instituição, Branco Rodrigues, que tem dedicado sym-

pathicos esforços para o progredimento das officinas d'aquelle estabelecimento de caridade, officinas que possuem o seu nome, apresentou-os ás pessoas presentes, executando a banda, em seguida a *Marcha do centenario*, de Oscar da Silva.

O *Jornal dos Cegos*, numero especial a que já nos referimos e cujo producto reverte a favor das officinas, foi muito apreciado, vendendo-se muitos exemplares.

A Explanada Jansen offerecia um bello conjuncto e todas as pessoas que assistiram á sympathica apresentação dos ceguinhos ficaram maravilhadas pelos progressos obtidos. (Do *Diario de Noticias*, de Lisboa.)

OFFICINAS BRANCO RODRIGUES

Os alumnos cegos das Officinas Branco Rodrigues foram hontem, como estava annunciado, ao recinto da Exposição da Imprensa exhibir as suas aptidões litterarias e musicaes, causando assombro a toda a gente.

Tocaram varias peças de musica e entre ellas a «*Marcha triumphal*», de Oscar da Silva; o «*Hymno do centenario*», de Augusto Machado, e um «*Passé doble*» dedicado ao maestro Gaspar.

Escreveram os nomes de algumas pessoas que estavam presentes e leram alguns artigos em portuguez, francez e italiano do numero do *Jornal dos Cegos*, impresso em relevo, que tambem foi vendido em grande copia.

Foi hontem a primeira vez que se apresentou em publico o cego que chegára na vespera a Lisboa, acompanhado pelo philantropico fundador das officinas Branco Rodrigues, o sr. Antonio José Repenicado, como noticiámos em telegramma.

Durante esta sessão regeu a fanfarra o benemerito professor, o insigne maestro D. Vicente Marçal, a quem se deve exclusivamente o grande aperfeiçoamento do ensino da musica aos cegos.

Dirigiu os trabalhos litterarios o rev. Severino Diniz Porto, o iniciador do ensino intellectual dos cegos, no asylo de Castello de Vide, que, com uma abnegação evangelica, tem conseguido dar uma educação completa aos alumnos d'aquelle pio estabelecimento.

Acompanhava estes benemeritos professores o nosso collega Branco Rodrigues. (D'O *Seculo*, de Lisboa.)

A EXPOSIÇÃO DOS CEGOS

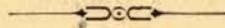
Na Explanada Jansen apresentou hontem o sr. Branco Rodrigues a um publico numeroso e convidado os rapazes cegos do Asylo de Castello de Vide, que vem mostrar os trabalhos por elles executados nas officinas que n'aquella localidade estabeleceu o sr. Branco Rodrigues.

A sessão, que se dividiu em muitas partes, interessou deveras quantos assistiram ao desenvolvimento de que os pobres rapazes deram prova, provando assim o effeito da excellente educação especial a que são submettidos.

Dos trabalhos que exhibiram, dois sobretudo chamaram a attenção e mereceram geraes applausos. Primeiramente a marcha por elles tocada com grande afinação e brilho, depois a escripta de nomes, que no momento lhes eram indicados, e a leitura nos mappas geographicos.

Os ceguitos pareciam encantados por serem o alvo de tantas attenções, e o sr. Branco Rodrigues, que foi muito gentil para os seus convidados, devia ficar satisfeito de vêr premiada pela approvação geral a sua humanitaria e generosa empreza.

(Do *Diario da Manhã*, de Lisboa.)



GRANDE DIPLOMA DE HONRA

EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA—LISBOA 1898

Esta exposição, que se realisou em Lisboa no mez de maio de 1898, por occasião do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo da India, e que foi organizada por uma commissão eleita pela Associação da Imprensa, de Lisboa, conferiu ao redactor do *Jornal dos Cegos* o *Grande Diploma de Honra*, a maior recompensa com que foram contemplados os expositores.

O diploma, que já foi entregue a este Jornal, é assignado pelo presidente da commissão, o sr. dr. Magalhães Lima; pelos vogaes os srs. Alberto Bessa e Ludgero Vianna e pelo sr. dr. Francisco Euzebio Leão.